ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

(RE)DESCOBRINDO A CONJUNÇÃO SOB O PRISMA DA SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

A256r

MARIA CHRISTINA DE CAMPOS AFONSO

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº 5231
Data 26 / 04 / 99

PONTES E LACERDA
1997

1996/2
Ex. 01

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

(RE)DESCOBRINDO A CONJUNÇÃO SOB O PRISMA DA SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

Ensaio monográfico, pro-positado na disciplina de Estágio Supervisionado do Ensino da Língua Portu-guesa e Literaturas do VIII Semestre, para fins de conclusão do Curso de Letras, no Campus Univer-sitário de Pontes e Lacerda- MT.

Pontes e Lacerda, maio, 1997.

SUMÁRIO

I - Apresentação

II - Quadro Teórico

III - Análise e sistematização do Corpus

IV - Considerações finais

V - Anexos

VI - Referências bibliográficas

AGRADECIMENTO

Quero aqui deixar meus agradecimentos a minha família, pelo apoio e incentivo em todas as etapas do curso, principalmente pela compreensão quando tive que relegá-los a segundo plano, pelos intensivos, pelos trabalhos ...

Agradeço também à professora Eliana que não foi apenas a orientadora, mas a luz presente em todos os momentos de dificuldades na elaboração deste trabalho.

À professora Donata que, gentilmente, forneceu os textos dos alunos para complementação do "corpus" de análise deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

Obrigada!

"A Maria Inês
que nos possibilitou
saber que somos o eco
de muitas vozes"

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

" Não basta conhecer o significado literal das palavras ou sentenças de uma língua: é preciso saber reconhecer todos os seus empregos possíveis, que podem variar de acordo com as intenções do falante e as circunstâncias de sua produção."

Koch

APRESENTAÇÃO

O interesse pelo estudo da conjunção, objeto de pesquisa neste ensaio monográfico, surgiu no decorrer do curso de Letras sob a influência das aulas de Gramática, ao estudarmos os elementos coesivos das orações coordenadas e subordinadas e também das aulas de Semântica, nos estudos dos operadores argumentativos.

Foi a partir daí que pudemos perceber a importância da função argumentativa dos conectivos e, então, fomos levados a questionar: Quais as perspectivas teóricas que fundamentam o ensino da conjunção nos Livros Didáticos e como são operados esses conceitos nas aulas de Língua Portuguesa no I e II graus?

Outro ponto que nos levou a este estudo foi o fato de termos verificado, em uma pesquisa sobre o ensino da Língua Portuguesa em três escolas da rede pública estadual, que o ensino oferecido ao aluno não ultrapassa os limites do Livro Didático , sendo um ensino fragmentado, descontextualizado, visando unicamente o aspecto estrutural e morfossintático da língua.

Mediante tais comprovações e questionamentos, resolvemos recortar para nossa análise: 1 - os Livros Didáticos da FAE, doados pelo MEC, por constituírem-se nos norteadores da prática pedagógica dos professores; 2 - uma Gramática Tradicional Normativa, por constituir-se em fonte e guia da elaboração desses livros didáticos e; 3 - alguns textos produzidos por alunos da 8ª. série matutino, da EEPSG "Dep. Dormevil Faria"..

A partir desse "corpus" verificaremos se os conceitos operados sobre conjunção trazem inferências da Semântica-Argumentativa, para a qual a conjunção não é mero conectivo.

Estaremos portanto, reportando-nos aos estudos da Semântica Argumentativa, teorizada por Oswald Ducrot, a qual pode ser considerada como um segmento da Retórica, já que considera também os mecanismos lingüísticos como os responsáveis pelo direcionamento dos sentidos, com finalidades persuasivas, convincentes, a partir intencionalidade do dizer de seus interlocutores.

Na busca desses objetivos, partiremos da análise dos Livros Didáticos, posteriormente, da Gramática Tradicional Normativa, buscando, a partir de seus conceitos, analisar quais os níveis de abrangência, no que tange ao

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

aspecto semântico da conjunção, bem como as relações por elas estabelecidas. Por último, analisaremos Textos produzidos pelos alunos da 8ª Série, confrontando-os com os objetivos vigentes do ensino da conjunção e com a função semântica argumentativa dos operadores para a construção dos sentidos pretendidos pelo locutor.

Este ensaio monográfico está organizado da seguinte forma:

Primeiramente faremos a Análise e Sistematização das três fontes acima mencionadas, logo em seguida virão as considerações finais e os anexos, os quais poderão ser retomados, durante esta leitura, para melhor entendimento da análise do "corpus" e, finalmente, a bibliografia, a qual constitui-se na fonte de estudo para o nosso embasamento teórico.

QUADRO TEÓRICO

O termo Semântica, (do grego Semainô = significar, que por sua vez deriva-se de Sema = sinal) foi proposto por Michel Bréal em 1883, mas antes disso a Semântica fora estabelecida como a ciência que buscava compreender os sentidos viabilizados pelas formas lingüisticas.

Em 1897 Bréal publicou seu "*Ensaio de Semântica*, no qual dizia que a significação não poderia ser tratada apenas pela via etimológica, mas também pela consideração de seu emprego nas relações com outras palavras.

A partir de então, os estudos Semânticos passaram a figurar em vários campos das ciências lingüisticas como: a Semântica da fala, a Semântica da língua, a Semântica lógica e, mais recentemente, filiada à Retórica, a Semântica Argumentativa.

A Retórica define-se como a arte de falar bem, isto é, de usar todos os recursos da linguagem com o objetivo de provocar efeitos nos ouvintes e a Semântica Argumentativa, postulada por Oswald Ducrot, busca, também como a Retórica, compreender os efeitos de sentido portadores de intencionalidade, através do conhecimento das regras gramaticais, emprego dos operadores argumentativos, a partir de seus valores operacionais no interior do discurso.

Os estudos da Semântica Argumentativa derivam-se de uma filiação às teorias pragmáticas, as quais *consideram a linguagem como forma de ação*, instituindo aquele que fala com direitos de agir sobre o outro. Essa ação, para a pragmática, está no ato da fala e para a Semântica Argumentativa, essa ação é portadora de intencionalidade. *Aquele que fala não apenas se coloca numa posição instituída pelo ato da fala, mas aquele que fala o faz intencionalmente, sendo a linguagem a portadora dessa intencionalidade.* Assim, a intencionalidade é o efeito de sentido pretendido pelo locutor, o qual é facilmente subtendido pelo alocutário através do enunciado e que para pretendê-lo ou abstraí-lo deve-se recorrer à argumentatividade através dos mecanismos lingüisticos.

A argumentação é o ato de convencer e de persuadir que se faz presente no jogo de representação, implícito pelas marcas lingüísticas, as quais direcionam os sentidos para uma determinada conclusão. Estas marcas lingüísticas são consideradas pela Semântica Argumentativa como *Operadores Argumentativos ou Discursivos,* os quais são responsáveis pelo encadeamento enunciativo. São os morfemas, aos quais a Gramática Tradicional Normativa, considera como meros conectivos (mas, porém, embora, aliás, pois, mesmo,

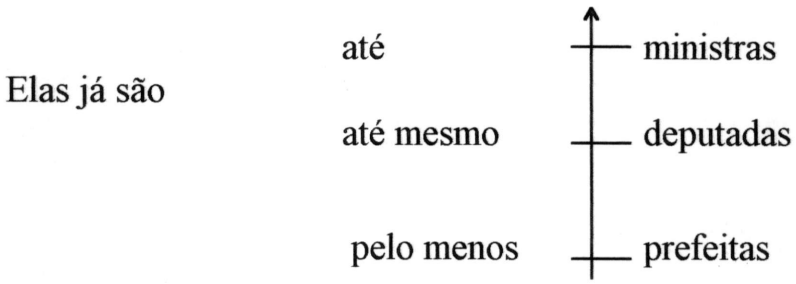
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

até, etc.) , enquanto que a Semântica Argumentativa os concebe como operadores que direcionam o sentido e a conclusão do argumento.

Ducrot formulou em sua teoria a noção da escala argumentativa, na qual um enunciado X é argumento para concluir Z, ou seja, se X for apresentado como argumento o interlocutor será levado concluir Z. Se vários argumentos se situarem numa escala gradual, apontando com maior ou menor força para a mesma conclusão, então eles pertencerão à mesma escala argumentativa.

Ex.:

Z = "As mulheres estão assumindo grandes cargos":

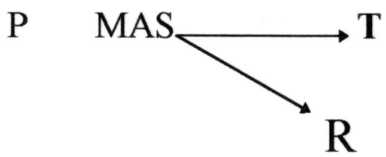


Para a Semântica Argumentativa, tem-se "conjunção" quando se afirma dois estados de coisas conjuntamente, ou seja, quando ambas as proposições forem verdadeiras.

Ex.: Chove e faz frio.

Tentei falar-lhe, mas estava viajando. (Koch: 1987.pag. 127)

Ducrot considera o *MAS* como operador argumentativo quando, ao apresentar um enunciado P, se tem claro na mente do alocutário que existe uma conclusão R. No entanto esta conclusão R é desviada para T com uma força contrária à conclusão R.



Assim, torna-se importante conhecer o funcionamento dos Operadores Argumentativos na construção do discurso, já que estes encerram a força da argumentação, estabelecendo entre os seus interlocutores uma ação verbal dotada de intencionalidade, fazendo da língua um veículo de ação política e, portanto, ideológico.

A ideologia na Semântica Argumentativa é concebida sob o prisma marxista, enquanto elemento subjacente à linguagem, porém revelada na explicitude lingüistica do locutor. Há que se considerar também que os interlocutores denotam, na operacionalização da linguagem, já que esta é entendida como *ação*, seus lugares sociais e ideológicos. No exemplo abaixo, podemos abstrair o lugar preconceituoso e separatista, em relação ao negro, o que demarca um lugar ideológico-social.

Ex.:

É negro, mas tem a alma branca.

Análise e Sistematização dos Dados

O ensino da Língua Portuguesa que, segundo Batista, *"emergiu de um projeto cultural e educacional intimamente associado à construção e consolidação de estados com populações heterogêneas"* (Batista: 1991, 31) necessitava de uma unificação da língua para a preservação da cultura. Na busca dessa homogeneidade cultural, deu-se preferência, ainda segundo o autor, *"à modalidade escrita e instituiu-se as Gramáticas Tradicionais Normativas como orientadoras da produção lingüistica dos falantes"*.

Atualmente, muitos autores e acadêmicos vêm discutindo os objetivos desse ensino e suas implicações nos vários aspectos do campo lingüistico e, é nessa perspectiva que recortamos para a nossa análise, neste ensaio monográfico, os Livros Didáticos (doravante, LD) por constituírem em elementos norteadores do ensino nas aulas de Língua Portuguesa.

São eles:

a - Linguagem Nova - Faraco e Moura - LD - 1.
b - Linguagem e Realidade - Roberto Melo Mesquita
e Cloder Rivas Martos - LD - 2.
c - Palavras e Idéias - José De Nicola e Ulisses Infantes - LD -3.

Como o nosso interesse, nesta iniciação à pesquisa, é analisar os conceitos de conjunção que circulam na escola, na disciplina de Língua Portuguesa, adotaremos o critério de transcrição desses conceitos veiculados nos LDs, acima citados, para posterior análise, (ver transcrição completa em anexo).

LD-1 *" Conjunções é a palavra que liga orações ou termos de uma mesma oração."*

LD-2 *" Conjunção é a palavra que une duas orações ou dois termos semelhantes da oração."*

LD-3 *" A Conjunção é a palavra que une orações ou termos semelhantes de uma mesma oração, estabelecendo variadas relações entre essas orações ou termos."*

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

As concepções sobre conjunção, trazidas nos LDs 1, 2 e 3, são estritamente direcionadas a um funcionamento gramatical, em detrimento da abordagem semântica. Ao referir-me à abordagem semântica, reporto-me a teoria de Semântica Argumentativa, que concebe a conjunção enquanto morfemas estabelecedores de relações entre os termos e orações e como operadores argumentativos ou discursivos. (Koch: 1987)

Todos os LDs em análise enfatizam que *"conjunção é a palavra que liga ... que une termos ou orações"*, evidenciando, assim, um ensino reducionista. Apesar de muitos autores pretenderem, nas suas explicações, extrapolarem o nível gramatical, a exemplo do LD-1, *" a conjunção estabelece relações diferentes entre as orações ou termos que está ligando. Por isso, mudando-se a conjunção a relação entre as palavras também sofre mudanças"*, ainda deixam claro que tais relações não estão no nível semântico, nem tão pouco argumentativo[1], visto se limitarem no nível formal e lingüístico, não contemplando o contexto pragmático da enunciação.

Veja o exemplo:

" Falo numa dessas línguas: Inglês ou Francês".
" Falo inglês, mas não falo francês".

No 1°. exemplo os autores explicam que " a conjunção (*ou*) estabelece uma relação de alternância, pois a pessoa que recebeu a ordem tem que escolher uma das duas línguas" e no 2°. exemplo diz: " a conjunção (*mas*) une duas orações que apresentam uma oposição, pois afirma-se uma coisa e nega-se outra", enfatizando-se assim a relação estabelecida pela conjunção apenas quanto ao aspecto gramatical. Como vimos o "*ou*" alterna, o "*mas*" opõem, etc., não trazendo para a discussão a função que tais conectivos podem assumir de acordo com a situação expressa pelos interlocutores nos enunciados.

No LD-2, podemos constatar que o conceito de conjunção, destina-se estritamente a um ensino sobre a teoria gramatical, isto é, metalinguístico concebendo a conjunção como elemento necessário para classificação das orações coordenadas: aditivas, adversativas, explicativas, alternativas e conclusivas, numa mesma unidade. Os exercícios propostos objetivam

[1] Entendemos por abordagem Semântica - Argumentativa o uso lingüístico, enfocando a argumentatividade inscrita na própria língua, pressupondo uma direção dos sentidos pelos interlocutores.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

unicamente a fixação dessa classificação (ver anexo), sem nenhuma ligação com o contexto pragmático[2], proposto pela Semântica Argumentiva

Já o LD-3, assim como o LD-1, também traz uma abordagem semântica, porém, não argumentativa. Os autores, ao inferirem à conjunção o papel de "*estabelecedora de variadas relações entre as orações ou termos*", estão abrindo espaço para o aspecto semântico, mas esse espaço, como podemos ver , fecha-se nos exercícios, transcritos abaixo :

Leia atentamente esse texto de Millôr Fernandes e responda:

"Quando abrirem meu coração
Vão achar sinalização
De mão e contramão".

a) Aponte as duas conjunções presentes no texto.
b) Que idéia exprime cada uma dessas conjunções?
c) Essas conjunções estão unindo orações ou termos de uma mesma oração?
d) Substitua a primeira conjunção que aparece no texto por outra que exprime idéia de condição (será, portanto, uma conjunção condicional).
e) Substitua a segunda conjunção que aparece no texto por outra que exprime a idéia de alternância (será, portanto, uma conjunção alternativa). pág. 214-LD3

Como se vê, são exercícios voltados para a classificação das conjunções e não para o direcionamento dos sentidos vários que estas assumem ou podem assumir através do contexto enunciativo. O termo *relações* não é discutido, explorado, permitindo o desgaste do seu sentido.

Não só os LDs são responsáveis por este ensino fragmentado, que objetiva apenas a introdução ao ensino da sintaxe, a partir da conjunção, mas também as conceituadas Gramáticas da Língua Portuguesa visam também a esse objetivo.

As atuais Gramáticas Tradicionais Normativas são filiadas a um estudo da língua, no qual objetiva-se à formulação de regras para a distinção de formas corretas das incorretas do uso escrito, bem como à " *dissecação* " do aspecto formal constitutivo da língua. Foi dos estudiosos gregos, séc. V a.C., que herdamos a prática dos estudos morfológicos e sintático. Herança esta que, como podemos observar, é preservada até nossos dias.

[2] Contexto situacional lingüístico em que os interlocutores e as condições de produção enunciativas são levados em consideração.

No caso, em análise, a Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa de José De Nicola e Ulisses Infante (também autores da LD-3), descreve o papel da conjunção como " *a palavra invariável usada para ligar orações ou termos semelhantes* (de mesma função sintática) *de uma oração*". Seus autores dizem que a conjunção não exerce função sintática, é "*mero conectivo*". Assim, na Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa em análise, as conjunções são também apresentadas de forma superficial, apenas com o intuito de introduzir o ensino das orações coordenadas, preocupando-se também com suas classificações, mesmo que em capítulos posteriores ao de nossa análise.

Nesta, os autores trazem notas de referência sobre o uso da conjunção, numa perspectiva funcional, quando acessam o conhecimento de que a mesma conjunção pode ter valores tanto aditivo, quanto adversativo, etc ..., porém não enfocam o seu aspecto de uso, de intenção dos interlocutores, nem tão pouco da argumentação.

Torna-se necessário, segundo Koch, *"pôr em evidencia na descrição gramatical da língua, os paradigmas constituídos de elementos de valor essencialmente Argumentativo (...), no sentido de levarem o interlocutor a um determinado tipo de conclusões, em detrimento de outras"* (pág. 110), porém o que se percebe é que o ensino da conjunção - denominado pela Semântica Argumentativa como "*conectivo*" ou "*operador argumentativo*" - nos LDs e Gramática tradicional não visa o sentido da interlocução, no seu contexto pragmático ou enunciativo e sim ao encaminhamento dos estudos da sintaxe, visto que esses sentidos não ultrapassam às relações estabelecidas na própria frase

Para a Semântica Argumentativa, esses operadores são marcas lingüisticas importantes, pois direcionam os argumentos para uma determinada conclusão. O locutor apresenta um enunciado, E_1, para admitir um outro, E_2, e essa conclusão será possibilitada ao alocutário pelo uso do conectivo.

Passaremos, a partir de agora, a analisar os textos (anexos) de 4 alunos da 8ª. série do I grau da EEPSG "Dep. Dormevil Faria", produzidos em sala de aula, em homenagem ao Dia Internacional da Mulher. Para isto, adotaremos o mesmo critério de transcrição de fragmentos dos textos, para análise de seus operadores argumentativos.

Conforme postula a Semântica Argumentativa, pretendemos verificar, nestes textos, se os Operadores Argumentativos utilizados pelos alunos direcionam sentidos intencionais e se estes correspondem satisfatoriamente às conclusões previstas pelos seus interlocutores.

Também reportar-nos-emos, no decorrer da análise, aos conceitos trabalhados por Maingueneau, (1993) além de Koch e Ducrot, sobre Operadores Argumentativos (OA.

Deter-no-emos, no texto 1, em analisar apenas o funcionamento dos sentidos a partir do O.A "*MAS*", considerando a predominância de seu uso.O conectivo "*MAS*" é o que maior fascínio despertou nos estudos de Ducrot e o mais discutido nos vários campos da análise lingüística.

O *"MAS"* é considerado o conectivo introdutor de um argumento mais forte para a conclusão do enunciado.

Vejamos:

"*A mulher é uma obra rara mas ela é discriminada por ser frágil e sensível.*
Mas hoje em dia a mulher está ocupando grandes cargos e estão melhorando nosso Brasil. Os homens discriminam a mulher em muitas coisas, mas eles não vivem sem elas ..." (T -1)

Considerando o que a teoria Semântica Argumentativa postula sobre a força intencional dos interlocutores para a conclusão dos sentidos, podemos verificar, pelo fragmento em análise, que este direcionamento pretendido está explicitado no enunciado (P) :

" *a mulher é uma obra rara* (...) *por ser frágil e sensível...*".

A conclusão (R), que traz a idéia da sensibilidade, delicadeza, dependência, etc., está direcionada nesse encadeamento enunciativo, porém esse sentido (R) é deslocado pelo O.A "*MAS*", numa direção oposta ao sentido de (P), impondo-se pela força argumentativa do *MAS:*

" *mas é discriminada*".

O sentido pretendido, pelo interlocutor, no enunciado (Q) visa à conclusão (S), que orienta à direção da desvalorização da mulher. Tal sentido, no entanto, é também deslocado para conclusão (X), que traz a idéia da importância, da valorização da mulher. Isso ocorre também pelo uso do O.A "*MAS*":

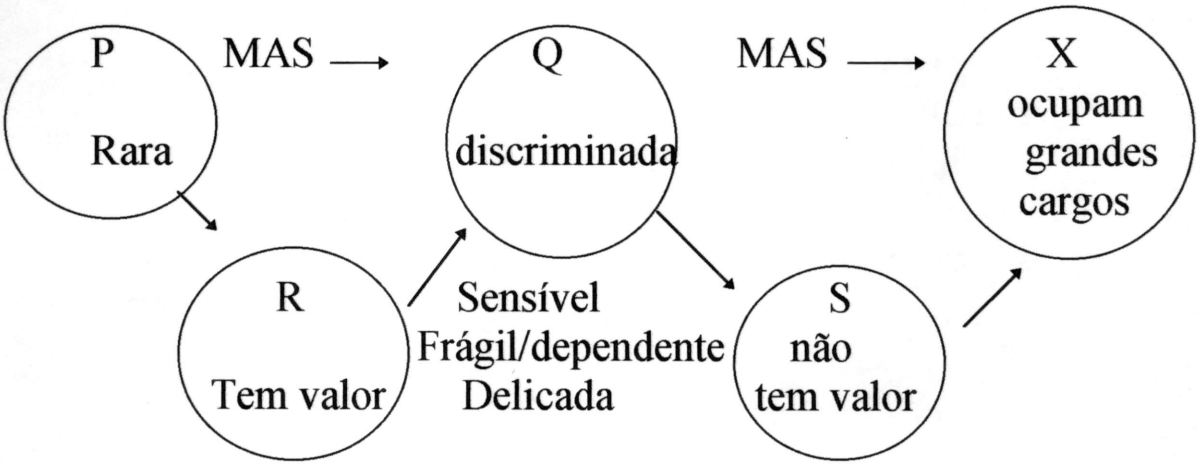
"*mas ocupando grandes cargos*"...

que tende a fortalecer o argumento anterior.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

A partir desta análise, pode-se ver que os sentidos dos enunciados P - R estão numa mesma direção, contrapostos pelos sentidos "Q", assim como os sentidos Q- S são contrapostos por "X".

Para melhor ilustrar esta análise, busquemos no diagrama, a seguir, o direcionamento dos sentidos pretendidos pelo locutor:



Podemos dizer, então, que os sentidos direcionados pelo, locutor, nesta análise, orientam os sentidos ora positivos, ora negativos, conforme retrata a estrutura lingüística do encadeamento argumentativo.

Mainguenau, diz que " (...) *Os encadeamentos argumentativos possíveis dependem, pois, da estrutura lingüísticas dos enunciados e não apenas das informações que veiculam e que é o conectivo que decide a interpretação pertinente, entretanto* (...) *não é qualquer coisa que pode ser argumento para uma conclusão ou causa para um efeito* (...)" (MAINGUEENEAU: 1993 - PAG 162-169).

Vejamos isso no texto 2 :

> " *A mulher dona de casa não consiste em limpeza de casa mas tendo em consideração que ela também faz parte de nossas vidas que vive no meio de nós.*
> *Além disso foi a coisa mais bonita e formosa que Deus colou no mundo.*
> *Apesar disso não existiria vida no mundo se não fosse por elas."*

Primeiramente analisaremos o fragmento acima, questionando o uso e a função dos operadores *MAS, TAMBÉM, ALÉM DISSO e APESAR DISSO.*

Como vimos na análise anterior, o O.A *MAS*, direciona o sentido para uma conclusão. No texto em análise, essa conclusão pretendida pelo locutor não acontece, ficando comprometida a interpretação pelo alocutário a partir da seqüência enunciativa.

Como podemos ver, o encadeamento do enunciado E2:



"... mas tendo em consideração que" ...

desvia a conclusão adversativa ao enunciado precedente, E1.

" A mulher dona de casa não consiste em limpeza de casa ..."

encaminha uma justificativa, rompendo com a unidade significativa que é propiciada pelos conectivos e / ou O.A .

O uso do "*Além disso*" que equivale a "*e também e a não só ... mas também*", reitera o sentido da justificativa do parágrafo anterior, como podemos ver no esquema abaixo:

" ... vive no meio de nós	além disso e também não só ...mas também	foi a coisa mais bonita e formosa que Deus colou no mundo..."

No que se refere ao uso do " *apesar disso*", O.A. que direciona o sentido para uma concessão, o locutor o usa inadequadamente, visto que estabelece uma escala valorativa entre os termos da cadeia enunciativa: quais sejam *Deus* e *Elas* (mulheres).

"... *Foi a coisa mais formosa que Deus colou no mundo, E1, apesar disso não existiriam no mundo se não fosse por elas...*", E2.

Desta forma, o uso do O.A "*apesar disso*" torna incoerente os sentidos da seqüência lingüística, pois, no E1, o locutor deixa explícito o sentido de que Deus é o criador da vida, sentido este que é contraposto pelo O.A concessivo, por isso, o uso inadequado concebendo a mulher como a responsável maior pela vida no mundo.

Pudemos observar também, que o locutor não dispõe do conhecimento da função argumentativa dos O.A, pois o comprometimento dos sentidos direcionados no texto, dá-se ao fato do uso inadequado do uso dos O.A, os

quais não estabelecem elos coesivos entre seus enunciados, tornando assim, um texto *incoerente.*

Para essa afirmação nos reportamos aos pressupostos teóricos da *coesão e coerência*, postulados por Halliday & Hasan, os quais concebem a *coesão* como elemento responsável por estabelecer relações de sentidos numa cadeia enunciativa, bem como o elemento que permite a relação de interdependência entre os enunciados que a constituem, propiciando a unidade significativa. Para eles, a *coerência* situa-se no plano semântico e é a relação de sentidos possibilitada pela coesão do texto.

Concluindo a análise do texto 2, pudemos observar que o locutor usa os O.A de modo a comprometer a interpretação não oportunizando-se do recurso da argumentatividade para o direcionamento do sentido a uma conclusão e ainda não estabelecendo a relação causa-efeito, conforme definição de Maingueneau, citado anteriormente.

A nosso ver, para que o aluno tenha domínio fluente do uso dos O.A, de modo a, intencionalmente, convencer, persuadir, será preciso fazê-lo conhecer o valor dos marcadores argumentativos responsáveis por esta intencionalidade do dizer.

Por este texto analisado, fica evidente o desconhecimento do aluno, tanto no emprego dos *"conectivos"* para fins gramaticais, seja para fins semântico - argumentativo.

Passemos agora a analisar o texto 3, a partir dos conectivos: " *Pois e Porque*", observando os usos e funções previstos pelo locutor no texto.

Transcreveremos, da mesma forma os fragmentos do texto para melhor encaminhamento da análise.

Segundo Maingueneau, há uma distinção entre os conectivos Pois e Porque. Enquanto o primeiro possibilita a justificativa do fato E_1, pelo locutor, permitindo a contestação do destinatário, o segundo explica um enunciado, de antemão incontestado.

No texto ora em análise, pode-se ver que os usos dos conectivos Pois e Porque, não correspondem à função definida acima, mas são usados exercendo um a função do outro.

No E_1 o locutor diz

> " *A mulher é uma coisa que veio ao mundo para ser o complemento do homem pois veio depois do homem...*".

Neste caso o conectivo "*Pois*" não justifica um fato anterior apresentado como destinado a legitimar o primeiro, mas explica o fato do E_1 conhecido

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

pelos locutores, não deixando margens à contestação, assumindo, assim a função de Porque.

Já o conectivo "*Porque*" do enunciado:

"*... ela era muito desvalorizada porque tudo que ia fazer deveria ser autorizada por seu marido...*"

estabelece uma justificativa para a desvalorização da mulher permitindo ao locutor a constatação do enunciado tendo, assim a função do "*pois*".

Também, nos enunciados acima, o uso dos conectivos marcam a posição ideológica do locutor, orientando à conclusão do sentido, em relação ao lugar social ocupado pelo mulher. Segundo Koch, " *o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinada conclusão, constitui o ato lingüistico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjazi uma ideologia...*". (Koch - 1987 pág. 19)

Neste texto, percebe-se que o locutor utiliza os conectivos como marcadores que denotam sua posição ideológica, mesmo que o faça inconscientemente desconhecendo assim seus valores de uso e argumentatividade.

O texto 4 é marcado pela ênfase que o locutor dá ao conectivo "*até mesmo*". Este conectivo é apresentado por Ducrot em Guimarães 1,como o que determina dois argumentos orientados numa escala argumentativa, apontando com maior ou menor ênfase para uma mesma conclusão, como podemos ver no esquema abaixo:

"*Até mesmo uma mulher em plena gravidez sempre tenta ficar mais bonita...*"

até mesmo	↑	uma mulher em plena gravidez... algumas mulheres qualquer mulher	↓ *nem mesmo*

O conectivo "*até mesmo*", não estabelece meramente um elo de ligação entre elementos da estrutura sintática, como prevêem as gramáticas normativas, em relação às conjunções, mas estabelece um nexo argumentativo no nível semântico subjacente.

Também no texto 4,o locutor opera com o conectivo "*OU*", conjunção denominada por Ducrot como proposição disjuntiva, a qual se divide em inclusiva e exclusiva. É proposição inclusiva
quando esta introduz enunciados, cuja verdade pode ser expressa por um ou por ambos. Já a exclusiva é aquela que permite só reconhecer, como verdadeiro, um dos enunciados.

No texto o conectivo "*OU*" introduz um enunciado verdadeiro, indicando uma escolha alternativa, portanto assumindo a função inclusiva.

"*...tenta ficar mais bonita ou/e apenas manter a beleza...*"

Vê-se ainda, que a argumentação estabelecida no texto , pelos conectivos tomados para análise, funcionam como elementos discursivos, indicando a posição ideológica do locutor. Tal posição ideológica é marcada, principalmente, pelo destaque que o mesmo dá ao conectivo "*até mesmo*", iniciando o período e depois sendo reforçado pelo "*mesmo*", reafirmando o seu preconceito em relação à mulher grávida.

"*Até mesmo uma mulher em plena gravidez sempre tenta ficar mais bonita ou apenas manter a beleza mesmo com a barriga grande*".

Entendendo a argumentação como um ato puramente lingüístico, bem como o recurso retórico do locutor , podemos afirmar, também fundamentados na Semântica Argumentativa, que é através da linguagem que se denota o lugar ideológico dos interlocutores. Assim a língua não se constitui em elemento neutro e ingênuo, mas é o veículo das ideologias, na acepção genérica do termo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estabelecendo relações entre as análises dos recortes que constituem o "corpus" deste trabalho - Os LDs 1, 2, e 3, A Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa e os textos 1, 2, 3, e 4 - podemos dizer que o ensino da Língua Portuguesa, objetiva apenas a informação de conceitos pré-formulados nos LDs e Gramáticas Tradicionais Normativas, visando unicamente a fixação de normas e regras sintáticas.

Apesar de os LDs 1 e 3 operarem com conceitos sobre a conjunção, introduzindo-a com explicitação do aspecto semântico, atribuindo a esta o papel de estabelecedora de variadas relações, esse aspecto semântico não é explorado nos exercícios propostos aos alunos. Seus objetivos centram-se num estudo classificatório das conjunções, propositado para posteriores exercícios de meras identificações taxionômicas e sintáticas das orações coordenadas.

Também pudemos observar, pela análise dos LDs, que estes são elaborados primando pela fixação da metalinguagem em todos os seus, âmbitos, sendo trabalhada de maneira seriada e fragmentada, não visando as necessidades do aluno.

As gramáticas, que se constituem em subsídios dos LDs, não fogem à regra destes, apesar de apresentarem conceitos mais amplos. Não dão ênfase, nem direcionam os estudos à argumentatividade.

A partir da análise dos textos dos alunos (recorte 3), podemos constatar que o professor, na maioria das vezes, desconhece a teoria da Semântica Argumentativa, não possibilitando ao aluno o re- conhecimento e uso da conjunção como O.A., os quais permitem ao locutor construir o direcionamento do sentido no enunciado de modo intencional e fluente, numa perspectiva retórica, persuasiva e interativa. Dessa forma, além de o aluno não fazer uso dos conectivos para estabelecer coesão sintática textual, também não os uso para encadear enunciados argumentativos, produzindo, assim, textos incoerentes. Ora ele os utiliza num deslocamento da função argumentativa, imputando a um a função do outro e enfraquecendo a força do enunciado, ora os utiliza direcionando uma conclusão, de modo a deslocar o sentido e rompendo com o encadeamento enunciativo.

Pela análise efetuada, os textos dos alunos, bem como os LDs e a Gramática C. da Língua Portuguesa, em momento algum retratam a concepção de linguagem, como a entendida pela Semântica Argumentativa, em que a língua é o lugar da confrontação ideológica das classes sociais e instrumento

político de argumentação e persuasão. Tanto que os usos de tais O.A. são feitos de modo aleatório, truncado e apenas como articuladores de elementos sintáticos dos enunciados.

Se considerarmos o que Ducrot, 1972, enuncia como leis gerais do comportamento lingüístico sobre a lei da informatividade, segundo o qual A só informa C a B quando B desconhece C, somos levados a constatar que, nessa perspectiva, a escola não informa apenas reproduz.

Isso evidencia, em nossa análise, que o ensino reproduzido não contribui para nenhum conhecimento prático - não se constituindo num auxiliares satisfatórios para a aprendizagem da expressão oral e nem mesmo da expressão escrita - (Eddy Roulet: 1978). Este fato, acreditamos ser conseqüência de o ensino partir da gramática como subsídio para a produção escrita, herança grega, e nos perguntamos se não seria hora de refletirmos essa prática.

Entendemos que não mais se justifica o ensino da língua a partir de sua concepção inicial, como instrumento de homogeneização e preservação da cultura. Faz-se necessário construir o ensino da língua numa perspectiva política e interativa viabilizando o conhecimento não apenas a partir de suas constituições estruturais, mas, principalmente como instrumento de luta e confrontação social, mediante sua força argumentativa.

Assim, a prática da Língua Portuguesa, que não mais se constituiria no automatismo, passaria a ser mediadora de questionamentos sobre morfemas, os quais são pretendidos neutros pelas Gramáticas Normativas, mas que são, segundo a Semântica Argumentativa, elementos orientadores e propositadores de sentido. Assim, não são morfemas que apenas unem ..., mas morfemas que dizem, representando os lugares sociais e ideológicos de seus locutores.

Como vimos, a Semântica Argumentativa preconiza a linguagem como sendo nela e por ela que o locutor se institui como *EU*, constituindo ao mesmo tempo, como alocutário *O OUTRO* . - (Koch 1978 pág. 21), para tanto ele precisa saber que o *MAS*, não apenas introduz enunciados construindo uma oração adversativa, mas que contrapõe um argumento B, adverso do previsto em A. Que ao recorrer a um O.A. "*até mesmo*", embora, etc., o locutor não o faz apenas para introduzir um complemento enunciativo, mas está-se comprometendo ideologicamente como enunciador.

Assim, possibilitando ao aluno o questionamento e reflexão sobre o valor da força Argumentativa dos conectivos, estaremos possibilitando-lhe apreender e reconstruir a intencionalidade do dizer com fluência domínio da operacionalidade através dos O.A a ponto de, em suas produções orais e escritas, ser capaz de persuadir, convencer seus interlocutores, a partir de seus

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

lugares ideológicos e suas visões de mundo, de modo determinado e consciente.

ANEXOS

TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

Texto 1

ESCOLA ESTAUAL DE 1º. E 2º. GRAUS
DEPUTADO DORMEVIL FARIA
ALUNA: LUCIENE
SÉRIE : 8ª. No. 26
DISCIPLINA - PORTUGUES

TÍTULO: MULHER

A mulher é uma obra rara, mas ela é discriminada por ser frágil e sensível .
Mas hoje em dia a mulher está ocupando grandes cargos e estão melhorando o nosso Brasil. Os homens discriminam a mulher em muitas coisas, mas eles não vivem sem elas.

A mulher em suas tarefas diárias sofrem muito, pois trabalham fora, cuida da casa, do marido e da educação dos filhos. Muitos homens não dão valor a mulher, depois de tudo que as mulheres fazem pelo seus maridos. A mulher está evoluindo rapidamente, porque além dela estarem ocupando cargos importantes, estão deixa - os homens para traz, mostrando sua capacidade.

A mulher é uma obra divina, a coisa mais linda que Deus invento.

Texto 2

E.E.P.S.G - Deputado Dormevil Faria
Aluno - Alan Sampaio Neves
Professora - Donata
Disciplina - Português

Produzir texto

Mulher Dona de casa

A mulher dona de casa não consiste em limpeza de casa mas tendo em consideração que ela também faz parte de nossas vida que vive no meio de nós.

Alem disso foi a coisa mais bonita e formosa que Deu colou no mundo apesar disso não existiria vida no mundo se não fossem por elas. Mulher é sinonimo de Alegria e felicidade que temos todos os dias existe pessoas que despreza odeia algumas mulheres outros tem precoceitos

Na verdade deveriamos ter muito Respeito e consideração a elas.

Texto 3

Escola Estadual de 1 e 2 grau Dep. "Dormevil Faria".
Aluno: Leandro Narciso da Costa
serie: 8 Turma: A Disciplina: Português
Professora: Donata
Trabalho Produção de Texto.

Mulher

A mulher é uma coisa que veio ao mundo para ser complemento do homem pois desde que Deus criou o mundo, ela veio depois do homem, mas hoje em dia ela está se comparando ao homem socialmente pois já está com muitos cargos importantes diferentemente de algumas décadas atras ela era muito desvalorizada porque tudo que ia fazer deveria ser autorizada por seu marido mais com os movimentos feministas ela conseguiu uma liberdade muito maior.

Texto 4

Escola Estadual Deputado Dormevil Faria
Aluno: Wender Rolim Leandro .
Série: 8 Turma: A
Professora: Donata.
Disciplina: Português.
Tema: Mulher. Data: 16/03/97

Mulher Vaidosa

A maior parte da população, feminina Brasileira, é considerada vaidosa, embora as vezes esconda isto dos outros. A vaidade é uma coisa natural que atinge principalmente as mulheres.

Até mesmo uma mulher em plena gravides sempre tenta ficar mais bonita ou apenas manter a beleza, mesmo com a barriga grande.

As vezes uma mulher pode ficar em frente o espelho por varios minutos e esperimentar diversos tipos de roupas.

A mulher Brasileira tem se espandido em todas as direções, nos ultimos anos em quase todo tipo de emprego, de garis até gerente e sem perder a vaidade de mulher.

LIVRO DIDÁTICO

LD - 1

GRAMÁTICA

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Conjunção

Leia o título da reportagem:

Diminui o número de casamentos e aumenta o de separações.

O título é formado por duas orações :

1ª. oração: Diminui o número de casamentos;
2ª. oração: e aumenta o de separações.

As duas orações aparecem ligadas pela palavra *e*, que é uma **conjunção**.

Observe agora o título do livro ao lado;

Os dois nomes - *Alice* e *Ulisses* - aparecem ligados também pela conjunção **e**.

Conjunção é a palavra que liga
orações ou termos de uma mesma oração.

A conjunção estabelece relações diferentes entre as orações ou termos que está ligando. Por isso, mudando-se a conjunção, a relação entre as palavras também sofre mudanças. Compare:

Ela sabe duas línguas : inglês ***e*** *francês.*

(a conjunção acrescenta, soma um termo ao outro: i*nglês + francês*.)

Fale numa dessas línguas: inglês ***ou*** *francês.*

(a conjunção estabelece uma relação de alternância, pois a pessoa que recebeu a ordem tem que escolher uma das duas línguas.)

Falo inglês, ***mas*** *não falo francês.*

(Neste caso, a conjunção une duas orações que apresentam uma oposição, pois afirma - se uma coisa e nega - se outra.)

Falo inglês, ***mas*** *não falo francês.*

(Neste caso, a conjunção une duas orações que apresenta uma oposição, pois afirma uma coisa e nega-se outra.)

Veja outros exemplos:

Você vem ou fica? (relação de alternância)
Eu vou ***mas*** *ela fica.* (relação de oposição)
Eu irei ***se*** *ela não for. (condição)*
A gente quer comida, bebida, diversão ***e*** *arte.* (adição, soma)

EXERCÍCIO

1. Identifique as conjunções.

a. escolha uma das duas bebidas: água ou guaraná.
b. Tome água, mas não guaraná.
c. Tomarei guará se não houver água.
d. O pai aguardava a filha na estação quando ouviu a triste notícia.
e. Aguardava a filha, porém não a viu descer do trem.

2. No trecho seguinte, observe as conjunções destacadas.

Como o cavalo foi domesticado?

No começo, o cavalo também era caçado pelos da Pré-História, por causa da carne ***e*** *do couro. Depois, passou a ser capturado para a criação.*

Aos poucos os homens foram percebendo que podiam amansá-lo, domesticá-lo e empregar sua força ***para*** *carregar coisas pesadas* ***ou*** *puxar carroças.*

(Gorde & Kouraguine. *As grandes invenções.* São Paulo, Sepione, 1991.p 14.)

a. A conjunção **e** (linha 3) liga palavra ou orações ?
b. A conjunção **e** (linha 5) liga palavras ou orações ?
c. A conjunção **para** (linha 5) indica: A. adição./ B. alternância./C. finalidade.
d. No texto, a conjunção **ou** :

A. liga orações e indica adição.
B. liga palavras e indica alternância.
C. liga orações e indica finalidades
D. liga orações e indica alternância.

a. Reescreva o trecho seguinte, mudando a conjunção para modificar a relação entre as duas orações:

Empregavam sua força para carregar coisas pesadas ou puxar carroças.

LD - 2

ATIVIDADE

CONHECENDO A LINGUAGEM

CONJUNÇÃO

Observe:

a. *O Ministro não pôde comparecer,* ***mas*** *enviou representante.*
b. *Pai* ***e*** *filho abraçaram-se.*

No primeiro exemplo, a palavra **mas** une duas orações.
No segundo exemplo, a palavra **e** une dois termos.

Conjunção é a palavra que une duas orações ou dois termos semelhante da oração.

As conjunções que ligam orações sintaticamente dependentes são **coordenativas** .

As conjunções que ligam orações sintaticamente dependentes são **subordinativas** .

Conforme as idéias que expressam, as conjunções coordenativas são classificadas em;

***aditivas:** expressam adição: e, nem, também etc.
Veja : Paulo não estuda **nem** trabalha.

adversativas: ligam duas orações estabelecendo uma relação de contraste entre elas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto etc.

Veja: *Sofri muito,* ***porém*** *espero uma recompensa*

- **alternativas:** expressam escolha ou alternância: ou, ou...ou, ora ...ora, já ... já, quer ... quer, seja ... seja etc.

Veja : Aceite as condições **ou** desista do emprego.

- **conclusivas**: expressam conclusão: logo, pois, portanto, por conseguinte, por conseqüência, por isso etc.

Veja: *Pediu o livro,* ***logo*** *devo pagá-lo.*

- **explicativas** : expressam motivo, explicação: que, porque, pois, porquanto etc.

Veja: *Vamos logo* ***que*** *o trem vai partir.*

É comum a conjunção explicativa aparecer em período cuja primeira oração tem o verbo no imperativo.

Atividades

1. Destaque a conjunção coordenativa e diga se ela é aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva ou explicativa:

a. Tenho uma caneta e alguns lápis.
b. Ou poupo dinheiro ou ficarei sem nada.
c. Trata de um profissional competente; portanto, merece ser consultado.
d. João falou com o advogado, mas ele não pode fazer nada.
e. Esperem mais um pouco porque o papai já está chegando.

1. Complete as frases com as conjunções coordenativas que você achar convenientes:

b. Eles vão para o colégio * ficam dormindo.
c. Papai não gosta de sair, * concordou conosco.
d. Fui até a loja * comprei um par de sapatos.
e. Tenho dificuldade nessa matéria, * preciso estudar mais.
f. Não vá agora, * está chovendo.

3. Construa uma frase para cada tipo de conjunção coordenativa.

LD - 3

CONJUNÇÃO

"Ser ou não ser ."

Provavelmente você conhece essa famosa frase, da obra do poeta inglês Shakespeare. Vamos pensar um pouco na sua estrutura: temos uma afirmação *(ser)* . Ora, "e sua imediata negação (*não ser)* . Ora, *" ser"* ou *"não ser"* são duas orações com o mesmo valor gramatical e são unidas pela palavra **ou**, que é uma **conjunção**. Observe ainda que a conjunção **ou** estabelece uma relação entre as duas orações; essa relação pode variar, se mudarmos a conjunção. Veja:

"Ser ou não ser."
Ser mais não ser.
Ser, mas não ser.
Ser tanto quanto não ser.

O papel da conjunção é esse: unir termos do mesmo valor gramatical ou orações, estabelecendo uma relação entre eles. Repare nos exemplos:

Você escolhe o sabor do sorvete: chocolate ou morango? (dois termos semelhantes)

Ele joga futebol e basquete. (dois termos semelhantes)
Eu iria ao jogo mas estou sem companhia. (duas orações)

Como você percebeu, a **conjunção** se caracteriza por ser um **conectivo,** isto é, uma palavra que faz **conexão,** que **une**, que **liga**

Já podemos elaborar uma conclusão

A **conjunção** é a palavra que une orações ou termos semelhantes de uma mesma oração, estabelecendo variadas relações entre essas orações ou termos.

V A MOS P R A T I C A R

1. Identifique as conjunções.
   a) Cumprimentou o colega e saiu.
   b) Espero que chova à noite.
   c) Mônica e Cebolinha são personagens de Maurício de Souza.
   d) O pai ou a mãe irá à reunião.
   e) Não sabem se o prefeito é honesto

2 . Leia atentamente este texto de Millôr Fernandes e responda:

" Quando abrirem meu coração
Vão achar sinalização
De mão e contramão"

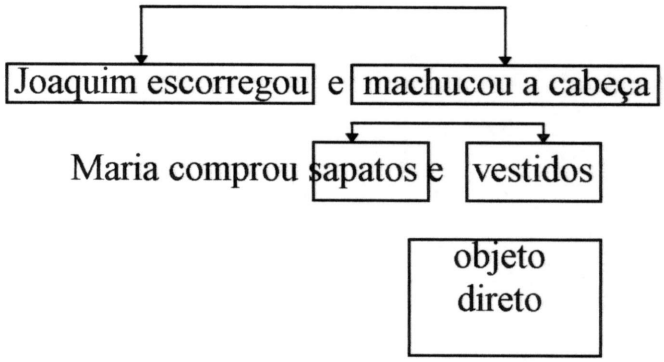
a) aponte as duas conjunções presentes no texto.
b) Que idéia exprime cada uma dessas conjunções?
c) Essas conjunções estão unindo orações ou termos de uma mesma oração?
d) Substitua a primeira conjunção que aparece no texto por outra que exprima idéia de **condição** (será, portanto, uma conjunção condicional).
e) Substitua a segunda conjunção que aparece no texto por outra que exprima idéia de **alternância** (será, portanto, uma conjunção alternativa

GRAMÁTICA CONTEMPORÂNEA DA LÍNGUA PORTUGUESA

CONJUNÇÃO

Definição

Conjunção é a palavra invariável usada para ligar orações ou termos semelhante (de mesma função sintática) de uma oração. É o que ocorre, respectivamente, nos exemplos:



Quando a conjunção está ligando duas ou mais orações, podemos perceber duas situações distintas, dependendo do tipo de relação estabelecido pela conjunção:

Joaquim escorregou ***e*** *machucou a cabeça.*
Juro ***que*** *serei tolerante.*

No primeiro exemplo temos duas orações independentes, com sentido completo (*"Joaquim escorregou* " e "*Joaquim machucou a cabeça* "), formando um período composto por **coordenação**; a conjunção que liga orações independentes é, por isso mesmo, chamada de **coordenativa**.

No segundo exemplo, uma oração depende da outra: o verbo **jurar** não tem sentido completo, necessitando de um complemento (objeto direto); que complementa o sentido do verbo **jurar,** é, no caso, a oração seguinte ("*que*

*Nada vê, **nada fala, nada ouve.*** (valor aditivo)

Parece - nos que essas duas questões deixam claro um fato: as orações coordenadas e que tem valores variados, e não as conjunções. É o valor das orações que, nesses casos, se transfere às conjunções e não o inverso.

serei tolerante"), que funciona como objeto direto, estando, portanto, subordinada a primeira oração. Formando um período composto por **subordinação**. A conjunção que une orações dependentes chama - se **subordinativa.**

Assim como as preposições as conjunções não exercem propriamente um função sintática; são meros conectivos.

A classificação das conjunções bem como o contexto em que aparecem, será estudada em detalhes na Sintaxe do período composto.

Orações e conjunção

A NGB classifica as orações coordenadas sindéticas em **aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas,** de acordo com as conjunções que as introduzem. Esse procedimento dá origem a dois problemas graves:

a) Como classificar orações sindéticas introduzidas pela conjunção **e** com valor não apenas aditivo? Essa orações são muito freqüentes na língua portuguesa, e parece contra - senso considerá- las aditivas.

Vejamos alguns exemplos:

"Você me quer justo, **e** *eu não sou justo mais."*

(Milton Nascimento e Fernando Brani)

"Todo o dia o sol levanta **e** *a gente canta ao sol de todo dia."*

(Caetano Veloso)

No primeiro caso, a conjunção **e** tem valor adversativo, conforme já salientado anteriormente.

No segundo, percebe - se certa conotação consecutiva. Seria demonstração de boa compreensão lingüistica chamar essas orações de coordenadas sindéicas aditivas?

b) Como proceder com orações assindéticas em que ficam claros valores adversativos ou explicativos para não falar naquelas em que o valor aditivo é flagrante

Procurei chamar - lhes a atenção; ***ninguém me deu ouvidos.*** *(*valor adversativo*)*

Não o aborreça: ***está compenetrado!*** (valor explicativo*)*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BATISTA, Antonio Augusto. A Gramática e o Ensino do Português. In: Leitura: Teoria e Prática. Campinas, 10(17):29-58, jun.1991.

FIORIM, José Luiz - *Linguagem e Ideologia-* Série Princípios - 2ª. edição - 1990

GUIMARÃES, Eduardo - *História e sentido na linguagem*

_____, Os limites do sentido. Ed. Pontes. Campinas SP - 1995.

MAINGUENEAU, *Dominique - Novas Tendências em Análise do discurso,* tradução Freda Indursky; Campinas, SP: Pontes . 2ª. edição, 1993

ROMANZINI, Haroldo - *Introdução a lingüística moderna* - Icone, São Paulo - 1990

ROULET, Eddy - *Teorias lingüísticas, Gramáticas ensino de línguas* - tradução Geraldo Cintia, Pioneira São Paulo - 1078

KOCH, Ingedore G. Velhaça - *Argumentação e linguagem* Cortez - São Paulo - 1987

_____, *A coesão textual* - Coleção repensando a Língua Portuguesa - 8ª. ed. São Paulo - Contexto - 1996

_____, *A coerência textual* - Coleção repensando a Língua Portuguesa - 6ª. ed. São Paulo Contexto - 1995